



A criança e a vivência das regras de interação na conversação: “Que jogo está sendo jogado aqui?”

The child and the experience of interaction rules in conversation: “What kind of game are we playing?”

Marlete Sandra DIEDRICH*

RESUMO: Neste artigo, tem-se o objetivo de aprofundar a discussão sobre a vivência, pela criança, das regras de interação. Para tanto, focalizam-se os deslocamentos que a criança produz e interpreta na conversação, na busca de compreensão do episódio interacional vivenciado. Na abordagem desse tema, analisam-se dois recortes enunciativos compostos por interações conversacionais de uma criança na faixa etária dos dois anos aos dois anos e seis meses, com seus pais e seus amigos. A análise desses recortes, representativa da pesquisa realizada, revela que a participação da criança na conversação implica uma complexa operação sociocognitiva de compreensão do evento interacional, ou seja, do reconhecimento do “jogo” que todos os interactantes parecem ter aceitado jogar. A criança, via micronegociações, aprimora sua competência de produzir enunciados adaptados à situação comunicativa e ao discurso do outro, numa construção conjunta do seu dizer.

PALAVRAS-CHAVE: Interação. Micronegociação. Aquisição da linguagem.

ABSTRACT: The following article aims to have a deeper discussion about child experiences with rules of interaction. In order to do so, we focused on the displacements that the child makes and interprets in the conversation while trying to understand the interactional episode experienced. In the approach of such theme, we analyze an enunciative selection of conversational interactions between two year and two year - six month, with her parents and friends. The analysis of this selection shows that the child’s participation in the conversation involves a complex sociocognitive operation for understanding the interactional event, that is, for recognizing the “game” that all participants seem to have accepted to play. The child, through micro negotiations, improves her competence to produce enunciates that are adapted to communicative situation and to the other’s discourse, in a collective building of their saying.

KEYWORDS: Interaction. Micro negotiation. Language acquisition.

*Doutora em Linguística, Universidade de Passo Fundo. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9177-089X>. marlete@upf.br.

1 Palavras introdutórias

Levinson (2006a) acredita que as raízes da socialização humana estão em uma capacidade especial de interação social, reconhecida em situações espontâneas, nas conversas do dia a dia. Neste artigo, voltamo-nos para essa capacidade de socialização via linguagem e buscamos explicitar como ela se constitui na aquisição da linguagem, manifestada na relação entre a criança e o outro, o que se dá via discurso construído na vivência de situações interacionais cotidianas. Temos o objetivo de aprofundar a discussão sobre a vivência, pela criança, das regras de interação. Dentre essas regras, focalizamos os deslocamentos que a criança produz e interpreta na conversação, na busca de compreensão do episódio interacional vivenciado. Assim, nosso questionamento é o seguinte: como se manifesta a compreensão dos episódios interacionais vivenciados pela criança via conversação e o que isso revela sobre a constituição do seu papel na interação? Para respondermos a esse questionamento, pautamo-nos em princípios da Linguística Interacional capazes de nos fornecer bases importantes para iluminar a discussão sobre a constituição de papéis interacionais revelados no discurso da criança.

Trabalhamos com um corpus de interações de uma criança produzidas no período de dois anos aos dois anos e seis meses de idade (DIEDRICH, 2015). Trata-se de diálogos espontâneos entre a criança e os adultos que com ela convivem, ora a mãe, ora o pai, ora os amigos da família. Desse corpus, selecionamos, para os fins deste artigo, dois recortes que nos interrogam mais diretamente sobre o papel interacional vivenciado pela criança. O que esses recortes evidenciam pode ser confirmado também em outros recortes do mesmo corpus, conforme se pode atestar em Diedrich (2015). No centro da discussão está, portanto, a vivência, pela criança, das regras de interação na conversação e o que essa vivência pode dizer sobre a aquisição da linguagem.

2 Os estudos da interação

Goffman (2002) entende a interação social como a influência recíproca que os parceiros exercem sobre suas ações quando estão na presença física uns dos outros. Tal influência exige que os atores construam, na interação, certa impressão de si mesmos, que contribui para influenciar seus parceiros do modo desejado. Trata-se da vivência de determinados rituais sociais, inerentes a toda troca verbal e instituídos pela regulamentação sociocultural que caracteriza a vida dos sujeitos em sociedade. A interação, assim, acontece em uma estrutura de participação em constante modulação capaz de especificar quem está participando e qual papel desempenha (GOFFMAN, 2002).

Essa regulamentação leva os falantes a se perguntarem em suas interações: “Que jogo está sendo jogado aqui? Como devo me comportar?” Trata-se da noção de enquadre de eventos, característica de toda interação, uma vez que os interactantes estão constantemente reenquadrando suas falas, adaptando-as à situação interacional vivida, levando em conta principalmente o que o outro diz ou faz. O sucesso da interação depende, assim, em grande parte, da capacidade que o interactante tem de perceber qual atividade de fala está sendo “encenada”¹ e que sentido o que está sendo dito assume nessa atividade.

Num encontro social, portanto, os falantes estão constantemente reenquadrando a fala, redirecionando a interação em curso, uma vez que o que dizem depende em grande parte de como o outro entende o que foi dito e do que o outro produz como resposta. Trata-se, portanto, de uma influência mútua e produtora de movimentos simultâneos, capazes de redirecionar a interação. Essa configuração leva os falantes a construírem em seus enunciados determinadas projeções do eu – postura assumida pelo interlocutor na relação com o outro, consigo mesmo e com o que está

¹ Expressão usada por Goffman (2014) ao se referir à representação do eu na vida cotidiana.

sendo dito. Tais projeções estão intimamente ligadas à ideia de papel assumido na interação, ideia que envolve não só o papel social, mas, principalmente, o papel interacional, que pode ou não ser influenciado pelo social. Ou seja, numa determinada interação entre um sujeito que ocupa posição social de prestígio no grupo, por exemplo um professor, e seus alunos, posição social de subordinados ao primeiro, pode haver reenquadres do evento da fala nos quais os alunos deixam de assumir a postura de subordinados ao professor, o que não afeta o papel social de cada um deles, mas o papel interacional assumido naquele enquadre. Mas, nesse caso, para haver sucesso interacional, todos os envolvidos, ou, ao menos dois deles, precisam estar dispostos e cientes de tal reenquadre, do contrário, a interação pode fracassar tendo em vista uma projeção equivocada do papel interacional assumido.

Focalizando uma conversação, é possível afirmar que a habilidade de se alterarem ou de se manterem tais projeções está atrelada à competência comunicativa dos participantes e a sua capacidade de adaptação do discurso a determinados objetivos interacionais.

Falar de interação conversacional é admitir que uma conversação não se reduz ao fato de que dois locutores se falam alternadamente, pois, como sabemos, as conversações não são lineares, mas resultam de um trabalho cooperativo dos interactantes, os quais constituem um objeto comum: o discurso da troca. Segundo Kerbrat-Orecchioni (1986), um sujeito é capaz de adaptar seu comportamento discursivo ao domínio situacional, e sua própria competência à competência do outro, do seu ou dos seus pares da interação. Para que a troca seja possível, também devem intervir, e sempre, e em todos os níveis, certos fenômenos de coordenação, harmonização, sincronização dos comportamentos dos diferentes interactantes, como o bom funcionamento dos turnos de fala, a regulação dos estados afetivos, a organização do material verbal, entre outros.

Sabedores de que, ao aprender uma língua, a criança apreende o mundo à sua volta, a sua cultura e a sua organização social, voltamos nosso interesse para a aquisição da linguagem, focalizando o aspecto interacional vivenciado pela criança em sua experiência linguística. Logo, perguntamo-nos como ocorre o deslocamento linguístico realizado pela criança via interações sociais. Como ela compreende o episódio interacional vivenciado? Que projeções do eu são por ela assumidas e como constituem diferentes papéis na interação conversacional?

3 A vivência da competência interacional na aquisição da linguagem

Acreditamos, com base principalmente nos estudos de Levinson (2006a), que na coordenação dos fenômenos envolvidos no âmbito da interação concorrem aspectos cognitivos e sociais. Segundo o autor, a interação humana se dá na dependência de uma habilidade peculiar de ligar intenções comunicativas com uma estrutura interacional. O ser humano, assim, é dotado de um conjunto de habilidades cognitivas e de dispositivos comportamentais que trabalham juntos nas interações humanas face a face.

Por essa razão, é possível afirmar que, ao interagir com o outro, a criança se apropria de determinados saberes sociais que lhe possibilitam analisar as ações do outro através de simulação mental, na busca de interpretação do comportamento desse outro, o que consideramos uma pré-condição para o sucesso da interação. No centro desse processo, encontra-se a noção de uma base comum, uma espécie de conhecimento social mútuo que permite a interação. Segundo Levinson (2006a), dado que o processamento da língua humana é obrigatório e automático, a alternância de papéis na conversação implica a obrigatoriedade de o interactante habitar, ao menos, e certamente, em parte, o mundo mental do outro. Trata-se, portanto, segundo o autor, de uma operação de reflexividade acerca do comportamento do outro e do seu próprio comportamento.

Em nossos estudos anteriores com a linguagem da criança, já ouvimos relatos de situações interacionais nas quais crianças de três, quatro, e até de cinco anos têm dificuldade em reconhecer a verdadeira intenção do adulto com quem interagem, principalmente, quando se trata de uma brincadeira ou mesmo de um falso papel interacional assumido com um propósito definido. No entanto, mesmo nessas situações, o que se observa é um esforço da criança, manifestado por meio de olhares, mudança abrupta de comportamento, entre outros indícios expressos em seu modo de dizer, de se aproximar do mundo mental do outro para realizar o devido enquadre.

No centro da questão, vemos a competência conversacional se manifestando na aquisição da linguagem. Ela é considerada, em muitos aspectos, dominante em relação às outras competências dos falantes: ela é ontogeneticamente primeira, porque a linguagem é adquirida num contexto interativo, no qual predominam as estruturas dialogadas em relação às monologadas. Assim, o diálogo é considerado a forma primitiva e básica da linguagem. Apoiamo-nos no dizer de Levinson (2007), segundo o qual, a conversação é a matriz para a aquisição. Ou seja, é por meio da conversação que a criança é inserida na sociedade via linguagem. É de conhecimento geral que, ao menos em grande parte das culturas que conhecemos, a mãe, desde muito cedo, investe num tipo de conversação muito curioso com seu bebê, o qual se caracteriza justamente pela representação de papéis interacionais por parte da mãe, a qual ocupa os turnos de fala do bebê, na busca de representar uma interação conversacional. A mãe faz isso, em geral, representando entonações de voz da criança, alterando a pronúncia de determinadas palavras, como se adotasse a linguagem desse outro que ainda não ocupa o seu espaço de dizer na conversação, mas que, quando o fizer, não o fará da mesma forma que o falante adulto, dada a particularidade da experiência de aquisição. Somado a isso, é interessante lembrar que, com o passar do tempo e com o incremento desses investimentos por parte da mãe ou de outro adulto que

desempenha o mesmo papel interacional, a criança, num determinado momento, sem aviso prévio, passa de fato a ocupar esse lugar a ela já reservado na interação.

Pesquisas com crianças de dois a quatro anos de idade (ERVIN-TRIPP; GUO; LAMPERT, 1990) já mostraram que sustentar e desenvolver episódios conversacionais topicamente coerentes requer a habilidade de selecionar turnos com contribuições que manifestam organização do discurso construído mutuamente, isto é, responder e adicionar novas informações ao tópico em questão, facilitando assim o desenvolvimento do tópico e da conversa. Nas interações com crianças pequenas, os adultos tendem a assumir a maior parte das responsabilidades conversacionais pelo desenvolvimento de tópicos, ao mesmo tempo em que há uma sensibilidade emergente nas crianças pequenas em relação aos parâmetros sociais do uso da língua, sendo os marcadores de polidez uma das habilidades pragmáticas precoces das crianças.

Entendemos essas constatações de Ervin-Tripp, Guo e Lampert (1990) como manifestações do ato de apropriação do papel interacional da criança na conversação: ela ocupa o seu espaço de dizer. Acerca desse ato, em Diedrich (2017), voltamo-nos para a enunciação da criança e a sua relação com o outro pelo viés do aspecto vocal, o que aponta para a inserção da criança no mundo/na cultura, pela vivência de experiências marcadas por enunciações. Para a criança constituir-se como sujeito do seu dizer e se historicizar na linguagem, ela precisa ocupar lugares na enunciação por meio de operações da realização vocal da língua. Ou seja, a criança, ao assumir ou ao ser assumida como alguém que diz, que evoca sentidos, está se historicizando, dada a maneira como assume a sua língua e como se singulariza por ela. No entanto, traz em suas enunciações vestígios do discurso do outro, representante da cultura na qual ela está imersa.

Motivados também por essas análises, voltamos nosso interesse para os movimentos da criança no simbólico da língua, o que acontece sempre via interação.

Esse movimento é afetado pelo equilíbrio entre a previsibilidade das estruturas da língua e da cultura e a imprevisibilidade do aqui-agora do discurso e da relação interacional na qual ele se realiza. Ou seja, a cada interação vivida pela criança, ela se desloca na linguagem realizando escolhas linguísticas em função da singularidade por ela vivida na enunciação, ao mesmo tempo em que, por meio de operações sociocognitivas, determina a situação social da qual faz parte e, a partir dessa determinação, tem a possibilidade de enquadrar ou de reenquadrar a atividade interacional que viveu, decisão que afeta a construção da conversação.

Para melhor entendermos esse deslocamento, ocupamo-nos de um fato de linguagem vivenciado por uma criança de dois anos e um mês em interação envolvendo os adultos de seu convívio, expresso no recorte enunciativo que segue:

Recorte 1²

Recorte enunciativo: Tirar as meias

Participantes: Dália, pai, mãe, tio

Data da coleta 30/6/2012

Idade da criança: 2;1;6

Situação: Dália senta no sofá ao lado do pai e do tio, sob olhar da mãe, e quer tirar as meias dos pés, sob protesto dos pais.

Dália	tira a meia mãe
Mãe	e por que tu tá tirando? nnãõ
tio	dáli/ a dali/ a dália tá teimaaando?
Dália	tá tudo tá suujo
tio	tá sujo? e tem chulé aí no meio dos dedos?? EEca! que cheiro!
Dália	huuumm

corpo	Leva o pé até o nariz para cheirar

² Consideramos importante registrar algumas das notações de transcrição adotadas nos recortes 1 e 2: letras maiúsculas representam tons ascendentes; a linha dupla pontilhada representa a concomitância entre o movimento de gesticulação e o dizer. Na trilha denominada *corpo*, registram-se os movimentos e gestos da criança, na trilha denominada *comentário*, registram-se todos os comentários descritivos do transcritor.

tio huummmm eeeca
Dália tem dundé daqui mãe
pai não tira dalinha
Dália é só mais uma pai
tio tem dois pezinhos né? não tem só um
Dália tira pa mim pai!? aii
Dália tiráá a meia?
tio vai apanhá na bunda depois
pai não não é pra tirá a meia
Dália SIIMM
tio o que que a mamãe tá fazendo lá mãe Ó dália ó
tio hein dália? o que que a mamãe dizendo pra ti?
Dália pá
tio pra tirá a meiaa oou não tirá a meia?
pai a mãe não qué que Tlre
Dália quero tiráá quero tiráá

corpo Tenta tirar a meia.
mãe por QUÊ? por que tirá meia?
tio tá fediiidaa?
Dália táá/ tá fedida maiis...
corpo Joga a meia no chão.
Dália huumm chulé

corpo Levanta o pé para o pai cheirar.
tio huummmm aaaiii

Nesse recorte, Dália insiste em tirar suas meias e assim o faz, conforme seus desejos, apesar das constantes advertências dos pais e do tio. Os pais “encenam” seus papéis de “autoridade” em relação ao comportamento da criança; o tio é o sujeito que descontrói a cena por meio da inserção de elementos que se aproximam do universo da criança, e que acabam por serem assumidos por ela como recursos argumentativos para justificar, frente aos pais contrariados, sua ação de tirar as meias dos pés. Há, portanto, um conflito instaurado na cena conversacional e todos os interactantes buscam elementos discursivos para conduzir a conversação de forma a preservar suas faces, apesar de buscarem o tempo todo impor sua vontade. Dália aparenta dominar

essa situação, uma vez que, mesmo sendo advertida, insiste em realizar seu desejo de tirar as meias, mas autorizada pelos argumentos que o tio vai inserindo como novos tópicos na condução da conversação, o que, de certa forma, garante a proteção da face da criança.

Esse simples ato implica uma complexa operação sociocognitiva de compreensão do evento interacional, conforme apregoa Levinson (2006a), ou seja, do reconhecimento do “jogo” que todos os interactantes parecem ter aceitado jogar. Ao analisarmos a maneira como a conversação progride, percebemos que, como o primeiro pedido da criança, “tira a meia mãe”, foi negado pela mãe, Dália passa a reenquadrar sua fala em favor do seu objetivo: “tá tudo tá suujo”, ou seja, não se trata mais de um pedido dirigido à mãe, mas de uma proposta de convencimento apresentada à mãe na busca de justificar sua ação. Quem acolhe o argumento e dá continuidade à conversação é o tio. A contribuição do tio para a conversação é característica de uma ação marcada pela polidez; na busca de evitar uma tensão maior entre os pais e a criança, ele produz no fluxo da conversa pontos de equilíbrio entre as ações executadas pelos demais interactantes via conversação. O tio, inclusive, oferece mais argumentos à criança, fazendo referência ao chulé, o que é prontamente aceito por ela, como forma de ocupar o seu espaço de dizer, conforme discutimos anteriormente baseados na teorização de Ervin-Tripp, Guo e Lampert (1990). Assim, a criança passa a configurar sua nova proposta de convencimento, encenada também pela gestualidade que constitui seu dizer: ao tentar cheirar o próprio pé e ao oferecer o pé para o pai cheirar convida os demais interactantes a jogar o “jogo do chulé”. Ao aceitarem o convite para assumirem suas posições nesse jogo, os demais interactantes confirmam o argumento da presença do mau cheiro, justificando a necessidade de tirar as meias. Aqui o que nos chama a atenção é justamente a capacidade da criança em lidar com a flexibilidade pragmática da situação e em adaptar rapidamente o seu discurso às novas configurações da conversação, sem se distanciar do seu propósito

conversacional. O recorte se encerra com a incorporação do argumento fornecido pelo outro, o tio; tal argumento passa a figurar na conversação como um novo tópico que acaba por envolver a todos, que aceitam participar da encenação, pois parecem ignorar o fato de a criança ter, por fim, tirado as meias dos pés, ou, ao menos, não falam sobre isso.

Há de se destacar que não há iniciativa por parte da criança para a mudança do foco da conversação, essa iniciativa é dada pelo outro, o tio, mas é imediatamente aceita pela criança. Por essa razão, chama a nossa atenção o fato de a criança vivenciar, em sua experiência na linguagem, situações em que os adultos, em geral, iniciam as mudanças de tema ou a inserção de estratégias de polidez, o que nos leva a pensar que essa vivência é fundamental na constituição do papel interacional da criança, conforme afirmamos anteriormente acerca da sensibilidade em relação aos parâmetros sociais do uso da língua.

Situação semelhante vemos no recorte a seguir, o qual envolve a mesma criança em outro momento de sua experiência de aquisição, agora com dois anos e cinco meses, em interação com amigos adultos e com uma criança mais velha:

Recorte 2

Participantes: Dália, Ber e Mar

Data da coleta: 28/10/2012

Idade da criança: 2;5;4

Situação: Dália, Ber e Mar voltam a atenção para uma gata doméstica que entra no quiosque onde eles se encontram.

Mar chÃchÃ SAI PRÁ LÁÁÁ MAROTA. MAROTA NÉ Dáália !?

Dália MAIOOTA MAA-ROO-TAAA

.....

corpo Volta-se para a gata ao falar.

Ber maarootAAA

comentário Ber enuncia a palavra com musicalidade, cantando-a.

Dália marootaa marootaa

comentário Dália também procura impor um ritmo musical ao dizer

Dália di vem

.....

corpo Dália corre, fugindo da gata.

Ber	CARA DITATU
Dália	CATUTUUU catutuuu <u>catu</u>

corpo	caminha atrás do gato
comentário	Dália procura captar o enunciado de Ber e enuncia cantarolando.

Novamente vemos a criança construir seu turno conversacional na dependência parcial do dizer do outro, mas, especialmente, dos esquemas culturais que atravessam esse dizer. Inicialmente, Dália usa tons ascendentes e silabação para xingar a gata por meio do adjetivo “marota”, explicitando a dependência do enunciado fornecido pelo adulto. No entanto, essa relação se reveste de novos arranjos quando a criança mais velha (Ber) enuncia a mesma palavra de forma cantarolada. São arranjos vocais musicados, os quais, certamente, derivam de determinados esquemas culturais, uma vez que a música é resultado de um aprendizado cultural. Esses esquemas estão disponíveis nos diversos grupos sociais dos quais a criança participa e se presentificam a cada interação. Dália também se apropria desse esquema em especial, o qual permite que cantarolemos palavras presentes na nossa conversação cotidiana, mas Dália o faz sempre com propriedades particulares e singulares, como é o caso da apropriação de formas como “marota”, a ser adotada no diálogo, visto que essa forma enunciada com arranjos musicados mobiliza novos sentidos e experiências na situação vivida, garantindo, de certa forma, o papel da criança na interação via identificação com o modo de dizer do outro. Esse fato ilustra o que chamamos de deslocamento na linguagem por meio das escolhas linguísticas de tal forma que há o enquadramento da atividade interacional vivida. Ao se ver impossibilitada de se apropriar da forma linguística enunciada pela criança mais velha, Dália encontra uma forma de jogar o mesmo jogo do outro, via arranjos vocais, ou seja, não diz “caraditatu”, mas assume esse dizer da forma que lhe é possível em sua relação com a língua: apropria-se do cantarolar como elemento a ser acionado na condução da interação, o que lhe garante o direito de ocupar o seu espaço de dizer de forma coerente em relação ao todo da interação que se constrói via conversação. Destacamos que nesse recorte temos a

participação não só de adultos, como também de uma criança mais velha, o que certamente é significativo, uma vez que essa criança mais velha possibilita uma maior identidade da criança pequena, o que facilita o empreendimento de micronegociações na construção da conversação.

Em estudos já realizados acerca de interações de crianças com outras crianças, Stivers, Sidnell e Bergen (2018) comprovam que as normas de interação estão fortemente implicadas na gestão das relações sociais, e que as crianças, com o passar do tempo, acabarão por confiar nas mesmas normas que os adultos para organizar suas interações, embora não o façam desde cedo, o que revela um deslocamento característico da aquisição da linguagem. Esses pesquisadores acreditam que isso é motivado pelo fato de que essas normas facilitam o gerenciamento de suas relações sociais de maneiras altamente eficientes e efetivas. É justamente essa a constatação que fazemos em nossa pesquisa, cujos recortes aqui analisados se constituem como uma amostra: no recorte 1, a estratégia de condução do tópico conversacional escolhida pelo adulto facilitou o deslocamento da criança na estrutura conversacional e conseqüentemente as suas relações sociais empreendidas via linguagem em interação, por meio de pequenas negociações argumentativas constituintes da conversação. No recorte 2, a inserção da criança na interação conversacional e a manutenção de seu papel interacional se dá também por meio de uma espécie de negociação, no entanto, em relação à forma linguística e a como essa forma é mobilizada na interação, como uma tentativa de entender as regras do “jogo”: se o outro xinga a gata, eu também xingo; se o outro cantarola, eu também cantarolo, mas o faço à minha maneira, dentro das minhas possibilidades de participação.

Nos trabalhos de Stivers, Sidnell e Bergen (2018) não há o reconhecimento de um uso reflexivo das normas sociais por parte das crianças por ela analisadas, no fortalecimento ou no enfraquecimento de suas interações sociais. No caso de nossa pesquisa, não temos ainda dados para afirmar se tratar ou não de um uso reflexivo das

normas sociais por parte da criança, mas de uma capacidade de refletir acerca do que o outro diz e acerca da construção da conversação em si, na vivência imediata da flexibilidade pragmática.

Portanto há uma capacidade de adaptação da criança ao evento interacional manifestado na conversação, o que é por nós interpretado como um deslocamento decorrente da vivência de atos interacionais pela criança altamente mediados pelo outro. Logo, não se trata de olhar para a língua ou para o sujeito nem mesmo para o outro da interação, mas se trata de investigar a relação entre essa tríade. A experiência da criança na linguagem é sempre singular, porque se constitui num movimento que vai do geral para o específico sob muitos aspectos, mas principalmente em relação a dois deles: primeiramente, porque há um movimento que vai do geral da língua para o particular do discurso; além de um movimento simultâneo que vai do geral da cultura manifestada na interação conversacional e nas suas regras para a particularidade da interação vivida, constituída pela tríade já referida: criança, língua e outro.

O que esse fato nos diz, por fim, sobre os deslocamentos da criança na interação conversacional? Como suas escolhas discursivas revelam a compreensão que ela tem do jogo interacional em curso? Apresentamos nossas respostas nas conclusões a seguir.

4 Conclusões

A interação conversacional que constitui o fato analisado revela um deslocamento da criança na estrutura conversacional alicerçada na mobilização de sua capacidade de analisar a intervenção do outro na particularidade da situação interacional vivida e dela derivar a devida escolha de comportamentos verbais e não verbais na busca de se ajustar a uma estrutura de participação que está em constante modulação e cujo sucesso depende, em grande parte, dessas escolhas.

Salientamos que não se trata de repetir ou de imitar o outro, mas de refletir acerca do que o outro diz e de como diz para, numa construção conjunta da conversação, atingir o sucesso pretendido. Essa propriedade, entendida por nós como uma propriedade de reflexividade, é que garante à criança a sua inserção na conversação de forma a obter sucesso conversacional, num verdadeiro “jogo” com os demais interactantes, uma vez que é necessário, antes de mais nada, que ela perceba que se trata de um jogo que não se “joga” sozinho, mas que é altamente dependente da trama de decisões tomadas pelo outro via discurso, as quais, sem dúvida, afetam o seu dizer.

Na experiência de aquisição da linguagem, portanto, a criança, por estar imersa em esquemas culturais, revelados, em parte, nos enquadres interacionais vividos, instaura-se, via discurso, na conversação, como sujeito da linguagem. Assim, constrói seu discurso na situação conversacional sempre em relação ao outro com o qual interage. Seu deslocamento se dá no ato de interação, assumindo posições interacionais diferenciadas, as quais se adaptam ao evento, o que exige da criança a competência interacional de lidar com a flexibilidade pragmática.

A percepção do “jogo” interacional pela criança, portanto, define o papel interacional por ela assumido na conversação, o que acontece desde cedo, como podemos ver no recorte analisado. Os deslocamentos de sentido e do papel interacional que ela produz são, com base nesse ponto de vista, resultado do trabalho sociognitivo por ela realizado na busca da compreensão do devido enquadre do evento interacional. Essa capacidade de compreensão pode ser definida como a habilidade de singularizar, na estrutura da conversação, os diferentes dizeres que vão tecendo o fio do discurso, seja o dizer do outro ou o seu próprio dizer, os quais assumem contornos de sentido particularizados a cada nova intervenção na construção conjunta da conversação.

Não objetivamos, com os recortes apresentados, fazer um estudo longitudinal, porque acreditamos que os deslocamentos da criança se dão na vivência dos episódios interacionais, o que ocorre na dependência da particularidade da situação vivida. Acreditamos, outrossim, na historicidade construída via interação com os outros ao longo dessa vivência, concorrendo para isso as experiências singulares construídas pela mobilização da língua em situações interacionais e que acabam por representar os deslocamentos da criança responsáveis pela sua relação com o outro.

Dessa forma, na experiência da aquisição da linguagem, a criança interage com o outro via micronegociações, aprimorando sua competência de produzir enunciados adaptados à situação comunicativa e ao discurso do outro, numa construção conjunta do seu dizer altamente dependente do que Levinson (2006b) chama de “mentes em interação”. Essas micronegociações envolvem, em alguns casos, o ajuste de formas linguísticas ao aqui-agora do discurso, em outros casos, envolvem a administração de turnos de fala e o que se diz ou se faz em cada turno, e, ainda, como mostraram os recortes aqui apresentados, podem focalizar os modos de dizer. No recorte 1, há um investimento numa proposta de convencimento para a qual concorrem as contribuições do outro, numa espécie de acordo em torno de um mesmo objetivo interacional. No recorte 2, há um arranjo vocal específico que permite à criança estar no jogo e a jogar as mesmas regras que o outro da interação. Esse é o jogo da linguagem, cujas regras vão se efetivando no ato de aquisição via interação conversacional e que, no caso da criança, são advindas de um mundo que lhe é exterior, mas do qual ela necessita fazer parte. Por isso, busca incessantemente compreender suas regras e se estabelecer no centro do “jogo”.

Referências

DIEDRICH, M. S. **Aquisição da linguagem**: o aspecto vocal da enunciação na experiência da criança na linguagem. 2015. 148 f. Tese (Doutorado em Estudos da linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/130026>.

DIEDRICH, M. S. A interpretância da língua em relação às funções inter-humanas do discurso na aquisição da linguagem via aspecto vocal da enunciação. **DELTA: documentação e estudos em linguística teórica e aplicada**, v. 33, n. 2, set. 2017. ISSN 1678-460X. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-445012762971994565>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/34374/23627>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ERVIN-TRIPP, S. M.; GUO, J.; LAMPERT, M. Politeness and persuasion in children's control acts. **Journal of pragmatics**, v. 14, n. 2, April 1990. DOI [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(90\)90085-R](https://doi.org/10.1016/0378-2166(90)90085-R).

GOFFMAN, E. Footing. Tradução de Beatriz Fontana. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org.). **Sociolingüística interacional**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. Nouvelle communication et analyse conversationnelle. **Langue française: Communication et enseignement**, n. 70, p. 7-25, 1986. DOI <https://doi.org/10.3406/lfr.1986.6368>. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1986_num_70_1_6368. Acesso em: 1 maio 2018.

LEVINSON, S. C. The human “interaction engine”. In: LEVINSON, S. C. **Properties of human interaction**. New York: Berg, 2006a. p. 39-70.

LEVINSON, S. C. Cognition at the heart of human Interaction. **Discourse studies**, v. 8, n. 1, p. 85-93, 2006b. DOI <https://doi.org/10.1177/1461445606059557>.

LEVINSON, S. C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

STIVERS, T.; SIDNEEL, J. S.; BERGEN, C. Children's responses to questions in peer interaction: A window into the ontogenesis of interactional competence. **Journal of pragmatics**, v. 124, p. 14-30, 2018. DOI <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2017.11.013>.

Artigo recebido em: 27.03.2019

Artigo aprovado em: 06.09.2019